

# TEOLOGIA LENDO FREUD:

## *O sujeito em Psicanálise*

Matheus Negri<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo discorre a partir de uma afirmação de P. Tillich sobre a contribuição da psicanálise para a teologia. Para P. Tillich, S. Freud contribui com a Teologia Sistemática principalmente quanto a doutrina do ser humano e a do pecado, isto é, a partir do conceito de libido para explicar a profunda alienação humana. Diante disto este breve ensaio objetiva analisar o sujeito em psicanálise a partir das obras de Freud e seus interpretes. Sendo assim, o problema norteador é a investigação de como é, ou melhor, qual a constituição do sujeito freudiano. Para tanto o presente ensaio tem como método a pesquisa bibliográfica. Quanto ao sujeito, Freud identifica três golpes desferidos no narcisismo humano; sendo o primeiro o de ordem cosmológica com N. Copérnico, o segundo de ordem biológica com C. Darwin, e o terceiro a própria psicanálise. Pois por meio de suas pesquisas demonstrou de que em grande parte o ego é inconsciente, assim o que está em jogo no aparelho anímico é a dinâmica entre forças: o ego, sendo este o núcleo da harmonia do sujeito; o superego, a instância da censura e das interdições; e o id, o reservatório da libido que como polo pulsional entra em conflito com o ego e o superego. Assim, o sujeito freudiano seria um ser dividido e imerso num inevitável conflito entre forças pulsionais antagônicas, movido por impulsos que, em grande parte, escapam ao seu controle e conhecimento.

**Palavras-chave:** Sujeito; Freud; Teologia e Psicanálise.

### ABSTRACT

The present article discourses an affirmation of Paul Tillich about a contribution in psychoanalysis to theology. P. Tillich means that the contribution of S. Freud is to the systematic theology, mainly the doctrine to be human and to be sinner, starting with the conception of the libido to explain a deep human alienation. This brief essay aims to analyze the subject in psychoanalysis, starting with the work of Freud and his interpreters. Therefore

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia FABAPAR.



the guiding problem is the investigation of how is, or better, what is the constitution of the Freudian subject. Therefore the present explanation will use the bibliographical research method. About the subject, Freud identifies three points which blows in human narcissism, being the first the cosmological order with N. Copernico, the second order the biological of C. Darwin and the third order the own psychoanalysis. Because by means of his research has shown that a great part of the Ego is unconscious, so what is at stake in the animator is a dynamic between forces: the Ego, this being the core of harmony of the subject; the Superego at the instance of censorship and interdictions; and the Id the reservoir of the libido as a drive pole to conflict with the Ego and the Superego. So the Freudian subject would be divided and emerged in an inevitable conflict between antagonistic forces, driven by impulses that largely escape their control and knowledge.

**Key-words:** Subject; Freud; Theology and psychoanalysis.

## INTRODUÇÃO

Este breve ensaio é um recorte da pesquisa de mestrado desenvolvida pelo autor que visa a paternidade em contexto brasileiro. Diante desta questão procurou-se investigar a paternidade enquanto função em psicanálise. O interesse por seguir o caminho apontado por Freud e Lacan é o campo em que o pai se inscreve, pois segundo a teoria psicanalítica o pai é fundador tanto da cultura quanto da religião.

A paternidade em psicanálise é entendida a partir do princípio antropológico do pai que é demonstrado por Freud como essencial para a criança, seja o menino ou a menina, e se dá a partir do complexo de Édipo<sup>2</sup> e sua dissolução, garantindo a

---

<sup>2</sup> O complexo de Édipo é a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo. Essa representação pode inverter-se e exprimir o amor pelo genitor do mesmo sexo e o ódio pelo do sexo oposto. Chama-se Édipo à primeira representação, Édipo invertido à segunda, e Édipo completo à mescla das duas. O complexo de Édipo aparece entre os 3 e os 5 anos. Seu declínio marca a entrada num período chamado de latência, e sua resolução após a puberdade concretiza-se num novo tipo de escolha de objeto. Na história da psicanálise, a palavra Édipo acabou substituindo a expressão complexo de Édipo. Nesse sentido, o Édipo designa, ao mesmo tempo, o complexo definido por Freud e o mito fundador sobre o qual repousa a doutrina psicanalítica como elucidação das relações do ser humano com suas origens e sua genealogia familiar e histórica. Édipo



consolidação da masculinidade, no caráter de um menino e a feminilidade, no caráter da menina (FREUD, 1996/1923, p. 45). Impõem-se assim os limites ante o incesto, à sublimação e aos impulsos de afeição (FREUD, 1996/1924, p. 196). Cabe àquele que desempenha a função paterna demonstrar ao filho os limites, a ordem, o direito, o dever, a autoridade que valem em um grupo. O complexo de Édipo e sua dissolução abre caminho para três questões correlatas: a paternidade, a cultura e o religioso. Mas primeiramente se faz necessário compreender o ser humano em Freud, ou melhor o sujeito em psicanálise, que é a proposta deste ensaio, para assim poder se entender melhor a função paterna, ou a paternidade, em psicanálise.

A leitura psicanalítica tem sido usada por várias áreas do conhecimento humano para compreender a realidade. Um bom exemplo é sua contribuição para as ciências ligadas ao comportamento humano como encontrado em Z. Bauman, P. A. Bourdieu, N. Elias, F. Guattari, J. Rancière, C. Lasch, S. Zizek. Já para a teologia pode se evocar as palavras de Freud em carta 09.02.1909 endereçada a Pfister:

A psicanálise em si não é religiosa nem antirreligiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão somente o serviço de libertação dos sofredores. Estou admirado de que eu mesmo não tenha me lembrado de quão grande auxílio o método psicanalítico pode fornecer à cura de almas, porém isto deve ter acontecido porque um mau herege como eu está distante dessa esfera de ideias (FREUD, 2008, p. 25).

Assim pelas palavras do próprio criador da psicanálise pode-se identificar a utilidade da psicanálise para a teologia e de maneira especial para a teologia prática. Vale ressaltar também a

---

Rei é a tragédia de Sófocles que transforma a vida do rei de Tebas num paradigma do destino humano, e depois, com o complexo inventado por Freud, que relaciona o destino com uma determinação psíquica vinda do inconsciente. Veja: ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 166.



relação conflituosa entre os dois campos de estudo que já fora confessado por Pfister em carta para Freud (2008, p. 136) em 10.09.1926:

É muito doloroso para mim que os teólogos permaneçam atrasados e fracassem de modo tão lamentável. Há mais de 18 anos estou no trabalho. Os pedagogos têm aceitado muitas coisas e, de todos os lados, ouço que a análise vai ocupando cada vez mais o centro dos interesses. Os teólogos envolveram-se demais numa tola disputa por princípios, em vez de se preocuparem com o bem estar psíquico dos laicos – e o seu próprio.

Morano (2008, p. 235) comenta que este diálogo entre psicanálise e religião iniciado entre Freud e Pfister continua ainda hoje e se encontra em estado inacabado, e que somente por meio desta dialética do ouvir e questionar poderá se avançar em ambas as disciplinas e na relação entre elas. Segundo Santos (2000) a psicanálise pode contribuir em muito para o aconselhamento pastoral na contemporaneidade por meio da escuta psicanalítica. E segundo Wondracek (2004, p. 104) a psicanálise contribui, ainda, não só para a teologia prática, mas também para a sistemática no que se refere a profundidade da alienação na dimensão da existência, contribuindo para a compreensão do conceito de pecado e miséria humana. E propõe em Tillich um encontro entre filosofia existencial e psicanálise, de forma que neste teólogo pode-se encontrar as contribuições da psicanálise para a teologia e da teologia para a psicanálise (WONDRACEK, 2004, p. 107).

Interessante é a importância que Paul Tillich (1971, p. 74) dá a psicanálise e sua relação com a religião, nas palavras do teólogo: “Penso que hoje não é possível desenvolver uma doutrina cristã da pessoa sem utilizar o imenso material que a psicologia profunda trouxe à luz”. De modo que no segundo volume de sua sistemática assevera que a psicanálise contribui para o resgate de termos como “pecado” e “juízo” e, recorre a Freud e seu conceito



de libido para explicar a profunda alienação humana, levando o conceito freudiano a sua condição existencial (TILLICH, 1987, 265-286). E em *Dinâmica da fé* retoma os conceitos psicanalíticos, a fé real depreende de todo o ser, isto é do consciente e inconsciente, e faz uso do ego e superego para lançar luz sobre a fé real, “Mas a fé real consegue vestir-se da imagem paterna [...]. Em todos os casos, fé e cultura só podem ser mantidos, se o super-ego encarnar normas e princípios objetivos do ser (Sein)” (TILLICH, 1985, p. p. 8-9). Tomando como pressuposto a relação indicada por P. Tillich, sobre a antropologia bíblica e a psicanalítica, isto é, o sujeito na bíblia e as descobertas freudianas. Objetivou-se neste breve ensaio investigar o sujeito psicanalítico a partir de Freud e seus interpretes.

## 1. A POSSIBILIDADE DE UM SUJEITO FREUDIANO

Não pode se esquecer do que afirmou Souza (2010, p. 196), “Freud é produto de sua época”. Luiz Roberto Manzini em *Desejo e prazer na idade moderna* possibilita uma compreensão contextual para a possibilidade do surgimento de um pensador como Freud, haja visto que para o Vienense o sujeito é um complexo e precário equilíbrio conflitante entre a força pulsional da sexualidade, que por meio de impulsos escapa ao seu controle e conhecimento, como afirmou Freud:

A vida dos nossos instintos sexuais não pode ser inteiramente domada, e a de que os processos mentais são, em si, inconscientes, e só atingem o ego e se submetem ao seu controle por meio de percepções incompletas e de pouca confiança (FREUD, 1996/1917, p. 88).

Para tal conclusão, segundo Manzini, o percurso intelectual se dá a partir do empirista inglês Thomas Hobbes, o qual desloca o prazer do amor ao bem supremo, que segundo o autor teria a máxima com São Tomás (MANZINI, 2011, p. 76). De forma que em Hobbes o sujeito é visto como uma máquina que atende as



exigências do movimento vital, onde as experiências são qualificadas como boas ou ruins no coração e todo este movimento está direcionado para a autopreservação e tem o desejo como item primeiro no movimento vital (HOBBS, 2003, p. 46).

Porém é em Condillac, mais precisamente em sua obra *O tratado das sensações*, de 1754, que Manzini destaca a última inversão na lógica das paixões. Neste livro Condillac se utiliza da metáfora da estátua de mármore para explicar sua hipótese de que não é possível o conhecimento completo do objeto, mas somente o que pode ser apreendido pela sensibilidade. Desta maneira a constituição do sujeito, seu entendimento, se daria da mesma forma, pela metáfora da estátua de mármore (MANZINI, 2011, p. 193).

O que moveria, então, a máquina humana? Para Manzini, por meio da metáfora da estátua de mármore, Condillac coloca o prazer e o desprazer como motor que provoca o movimento vital. Como asseverou o próprio Condillac (1984, p. 40), “Mas a inquietude do desejo aumenta; chega um momento em que ele age com tanta violência, que só se encontra remédio no gozo: ele se transforma em paixão”. Então se tem assim a possibilidade e a possível aceitação das teses sobre o sujeito freudiano, pois no decorrer do século XVIII houve um deslocamento do amor ao sumo bem, divino, para o prazer e desprazer como eixo norteador do ser humano. Mas então em que consiste o sujeito freudiano?

## 2. O SUJEITO HUMILHADO: OS TRÊS GOLPES

Freud em um artigo chamado *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (1917), que, segundo o prefácio da edição em português, inicialmente foi publicado no periódico húngaro *Nyugat*, Budapest, expõe as resistências às teorias psicanalíticas, sendo que a psicanálise é o terceiro golpe sobre o narcisismo humano. Os outros dois são a humilhação cosmológica



e biológica. Estes três golpes também estão descritos no seu texto ***Conferências Introdutórias*** (1916-1917).

Freud antes de começar a discorrer sobre os três golpes começa seu texto apresentando suas descobertas advindas de sua prática analítica. Segundo Almeida (2012, 316), Freud habitualmente começa assim os textos onde apresenta uma nova interpretação de suas teses. Então passa a explicar que a psicanálise se preocupa com o esclarecimento e eliminação de distúrbios nervosos, e o ponto de partida seria a vida instintual da mente, isto é, a teoria da libido. Popularmente se entende a fome e o amor como representantes instintivos, identificado na psicanálise como os instintos do ego e os instintos sexuais (FREUD, 1996/1917, p. 85). O instinto sexual, então chamado de libido, é considerado como algo análogo à vontade de poder. Na sequência passa a demonstrar como por meio da prática analítica chegou à conclusão de que as neuroses são distúrbios específicos do instinto sexual, isto é, estão ligados ao desenvolvimento da função sexual no sujeito. As neuroses se dão, então, no conflito entre os instintos do ego e os instintos sexuais, de forma que elas são aquilo que parece ao ego um perigo à autopreservação ou auto-estima.

Assim o ego toma posição defensiva e nega os instintos sexuais forçando-os a um caminho substitutivo que se manifesta como sintomas nervosos. Vale ressaltar que no período inicial da vida todo o instinto sexual do sujeito está ligado diretamente a ele próprio e somente mais tarde devido as grandes necessidades da libido que há o deslocamento da pessoa para outro objeto. Todavia é possível que a libido se desvincule do objeto e retorne para o ego (FREUD, 1996/1917, p. 85-86). Esta dinâmica Freud chamou de ***narcisismo***, retomando o mito grego do jovem Narciso que, em uma de suas versões, ao ir matar a sede às margens de um riacho contempla a beleza de sua própria imagem, apaixonado por ela deixa de comer e beber cria raízes nas margens do riacho e transforma-se na flor que hoje tem seu nome.



Freud não é o primeiro a usar este mito para explicar as relações da psique humana, como pontua Roudinesco e Plon (1998, p. 530). O termo é usado pela primeira vez em 1887 pelo psicólogo francês Alfred Binet, para descrever o fetichismo onde a pessoa é seu próprio objeto de desejo sexual. Depois o termo é usado por Havelock Ellis em 1898 para designar um comportamento perverso. Na pena de Freud surge pela primeira vez em 1910, no texto *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, referindo-se a prática homossexual,

O que de fato aconteceu foi um retorno ao auto-erotismo, pois os meninos que ele agora ama à medida que cresce, são, apenas, figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante sua infância - meninos que ele ama da maneira que sua mãe o amava quando era ele uma criança. Encontram seus objetos de amor segundo o modelo do narcisismo, pois Narciso, segundo a lenda grega, era um jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra, e foi assim transformado na bela flor do mesmo nome (FREUD, 1996/1910, p. 61).

Em seu estudo sobre o caso Schreber em 1911, considerou o narcisismo como um estágio normal da evolução sexual. E em 1914, em *Sobre o narcisismo: uma introdução* considera o narcisismo como um conceito que ocupa um lugar essencial na teoria do desenvolvimento sexual no fenômeno libidinal (FREUD, 1996/1914, p. 44). Almeida (2012, 318) explicando a importância deste conceito em psicanálise assevera que mesmo que o sujeito desenvolva o seu amor objetual sempre persistirá e permanecerá um resto de narcisismo, pois sempre um determinado teor libidinal permanecerá no ego. Por isso a frase de Freud (1996/1917, p. 87) que resume sua nova teoria: “O ego é um grande reservatório, do qual flui a libido destinada aos objetos e para o qual regressa, vinda dos objetos”. Para exemplificar Freud recorre ao narcisismo das crianças e o compara com o narcisismo do homem primitivo e sua crença na onipotência, crendo que por





meio da técnica da magia poderia mover os acontecimentos do mundo exterior (1996/1917, p. 87). Mas em que consiste os três severos golpes por parte da ciência ao narcisismo da humanidade?

A primeira humilhação se deu pela teoria heliocêntrica do astrônomo polonês Nicolau Copérnico, considerado o fundador da astronomia moderna. Segundo as pesquisas desenvolvidas por Copérnico a terra não seria o centro do universo (geocentrismo), de forma que os astros circundam a terra, mas a terra sim estaria em movimento em torno do sol (heliocentrismo). Assim para Freud (1996/1917, p. 87), o astrônomo polonês não teria somente destronado a terra do centro do universo, mas também mudado a visão do homem sobre si mesmo e sobre a existência em geral.

A segunda humilhação ficou a cargo de Charles Darwin e sua obra *Origem das espécies por via da seleção natural* (1859). A questão trabalhada por Freud neste ponto é que mesmo o ser humano sabendo que não é o centro do universo, sabe pelo menos que possui sua origem no divino, criado a imagem e semelhança de Deus, por isso superior aos animais. Porém Darwin colocou um “fim a essa presunção por parte do homem. O homem não é um ser diferente dos animais, ou superior a eles; ele próprio tem ascendência animal” (FREUD, 1996/1917, p. 88), como comenta Freud. E ainda lembra o fato de que as crianças não veem nenhuma diferença entre sua própria natureza e a dos animais, e de que o homem primitivo, por meio de seus mitos, recorre a sua ascendência ancestral animal.

Almeida (2012, p. 324) comenta, e que vale ser acentuado neste momento,

a teoria darwiniana não colocou um termo em todos os problemas da biologia nem que ela tenha trazido uma chave apta a abrir as portas da metafísica para a solução de todos os enigmas do universo.

Porém segundo Freud a teoria da seleção natural de Darwin implicou no segundo golpe ao amor próprio da humanidade.



O terceiro golpe, segundo Freud, é psicológico e o que mais fere. Seria o nascimento e desenvolvimento da psicanálise. Freud começa analisando a consciência, que estaria situada em algum lugar no núcleo do ego, ela tem por objetivo de dar ao ego notícias de tudo o que ocorre nas operações mentais, esta seria a forma do ser humano controlar seus impulsos e ações. Se os impulsos e ações estiverem em acordo harmônico com as exigências da consciência esta receberá sanção. Caso esteja em desacordo os impulsos e ações serão radicalmente inibidos ou afastados. Quando ocorre o contrário, isto é, se algum impulso ou ação vence a consciência o ego ordena e modifica os impulsos, impondo que seja o que for de estranho tenha vindo de fora (FREUD, 1996/1917, p. 88-89).

Porém como afirma Freud, o que aparece são as formas que os instintos, a atividade da própria mente, encontrou para vencer as resistências da consciência, “O resultado é que se rebelaram e assumiram suas próprias vias obscuras para escapar a essa supressão” (FREUD, 1996/1917, p. 89). Seriam estes os atos falhos, os chistes e “todos aqueles sintomas mediante os quais o corpo fala à maneira de um texto que deve ser decifrado, interpretado, analisado” (ALMEIDA, 2012, p. 125). Que Lacan (1974, p. 159) sintetiza em uma entrevista revelando o que para ele seria a grande descoberta da psicanálise, “a descoberta da psicanálise é o homem como animal falante”. E ainda,

O *parlêtre* é um modo de exprimir o inconsciente. O fato de que o homem é um animal que fala, que é bastante inesperado, o que é totalmente inexplicável, sei o que é, o que é fabricado com esta atividade da palavra é uma coisa que eu tento dar algumas luzes [...] (LACAN, 1974, p. 12).

Esta teoria foi amplamente desenvolvida e explicitada em *O ego e o id*, de 1923. Nesta obra Freud (1996/1923) chega à conclusão de que grande parte do ego é inconsciente, assim o que está em jogo no aparelho anímico é a dinâmica entre forças: o ego, sendo este o núcleo da harmonia do sujeito; o superego, a



instância da censura e das interdições; e o id, o reservatório da libido que como polo pulsional entra em conflito com o ego e o superego.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma Freud evidencia que o ego é um pobre ego, pois está dividido e oprimido pelas forças das pulsões, e procura, de maneira conciliatória, fazer as pazes entre o id e o superego. Por isso pode sintetizar numa máxima o que seria o sujeito para a psicanálise: “o ego não é senhor em sua casa” (FREUD, 1996/1917, 90). O sujeito freudiano seria então um ser, como afirmou Caropreso (2012, p. 205), “dividido, imerso num inevitável conflito entre forças pulsionais antagônicas, movido por impulsos que, em grande parte, escapam ao seu controle e conhecimento”. Sobre este conflito pulsional que é o ser humano Lacan (1974, p. 168) na mesma entrevista de 1974 asseverou,

Freud disse que a sexualidade para o animal falante que chamamos de homem não há cura nem esperança. Uma das atribuições do analista é encontrada nas palavras do paciente ligação entre a angústia e o sexo, o grande desconhecido.

Tem se então um sujeito sem identidade e em constante conflito. O que segundo Simanke, possibilitou a Lacan concluir sobre o ser humano, na esteira de Freud, um verdadeiro anti-humanismo. Para Simanke (2012, p. 300), Lacan

sempre concebeu que a verdade do homem reside fora dele mesmo, seja nas identificações imaginárias que o alienam, seja na ordem simbólica que o transcende e determina, seja no real que necessariamente escapa.

Por isso a máxima de Lacan (1978, p. 66), “é preciso ser verdadeiramente louco para ser humanista”.



Assim o sujeito freudiano é um sujeito humilhado, complexo, controverso e refém de um conflito libidinal interno que lhe escapa a plena consciência. Confirmando, desta maneira, a alienação sugerida por Tillich.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rogério Miranda de. **A fragmentação da cultura e o fim do sujeito**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

CONDILLAC, Étienne Bonnot de. **Traité de sensations**. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1984.

CAROPRESO, Fátima. **Freud e a natureza humana: um equilíbrio precário entre forças conflitantes**. In: SGANZERLA, Anor; VALVERDE, Antonio José Romera; FALABRETTI, Ericson (Org.). **Natureza humana em movimento: ensaios de antropologia filosófica**. São Paulo: Paulinas, 2012.

FREUD, Sigmund. **Cartas entre Freud & Pfister (1909 - 1939)**: um diálogo entre psicanálise e fé cristã. Viçosa: Ultimato, 2009.

\_\_\_\_\_. Sigmund. **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **Sobre o narcisismo: uma introdução (1914)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Ego e o Id (1923)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Dissolução do Complexo de Édipo (1924)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 46.

LACAN, Jacques. **Freud per sempre**. Colloquio con Emilia Granzotto. Publicado en la revista Panorama de Roma - Italia, 21 noviembre de 1974.



\_\_\_\_\_. **La troisième**. VIIème Congrès de l'École freudienne de Paris. Rome: 31, octobre – 3 novembre, 1974.

MANZINI, Luiz Roberto. **Desejo e prazer na Idade Moderna**. Curitiba: Champagnat.

MORANO, Carlos Domínguez. **Psicanálise e religião: um diálogo interminável**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, Francisco de Assis dos. **É possível a psicanálise ao aconselhamento religioso?** 2000. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Teologia, programa de Pós-Graduação, São Leopoldo.

SOUZA, José Neivaldo de. **Imagem humana à semelhança de Deus: proposta de antropologia teológica**. São Paulo: Paulinas, 2010.

TILLICH, Paul. **Begegnungen**. Paul Tillich über sich selbst und andere. [Hrsg. von Renate Albrecht]. Berlin Evang. Verlagswerk, 1971. 407 S. Leinen. Schutzumschl.

\_\_\_\_\_. **Dinâmica da fé**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1985.

\_\_\_\_\_. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Edições Paulinas; São Leopoldo: Editora Sinodal, 1987.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. **A teologia de Tillich e a psicanálise**. Revista Eletrônica Correlatio, n. 6 – Novembro de 2004.

